



## **Batismo de uma ilha**

versão Henri Berger

tradução Eva Brás Kopcinski e Bernard Emery

No momento preciso em que pisa na terra da Ilha das Palmeiras, a jovem tem a certeza de que a sua estadia de um ano ali haverá de marcar a vida dela. Fica parada, por um tempo indeterminado, em pé, na margem, a revistar a sua breve existência passada até esta manhã de março. Vinte e poucos anos, pensa. Acaba de concluir os estudos na área da logística e gestão empresarial, na universidade da cidade onde até agora tem morado com os pais. Para efetuar o estágio de fim de curso, os seus colegas estudantes correram para os países portadores de futuro, como se costuma dizer. Por sua parte, não escolheu a Europa, onde tudo se parece aos olhos dela : a moeda, a economia de mercado. Pretendeu validar o seu curso através duma ação humanitária num país do Sudeste asiático.

Sabe que ainda haverá-de lembrar-se de tudo isso, quando já tiver um marido e uma família, com vários filhos. Contar-lhes-á o que tiver vivido no meio desse povo. Todos a escutarão emocionados, pois ela falará do fundo do coração, deste seu coração de mulher, coração de mãe. E eles perguntar-lhe-ão: «Porque foste para tão longe? Porque ali?» Responder-lhes-á então: «Porque eu devia ousar e dar um grande passo em frente.»

E este passo em frente, ela acabou por dá-lo, saltando numa balsa roída de ferrugem, naquele embarcadouro rudimentar : quatro estacas a sustentar algumas tábuas. Impossível voltar atrás, aliás não quer fazê-lo. Nunca hesitou. Não era nem teimosia, nem questão de honra, atitudes que ela acha demasiadamente masculinas para justificar um engajamento. Sim, é isso mesmo, ela aderiu a esta ação humanitária a fim de pôr à prova do quotidiano os seus conhecimentos teóricos, junto duma população sinistrada.

Há pouco, especada, diante do lago imenso, que antes se assemelha a um mar interior, não sentia nenhum cansaço devido aos preparativos, à viagem área de mais de quatorze horas, ao interminável trajeto de autocarro entre o aeroporto e a aldeia flutuante, pejada de embarcações, que abriga famílias durante todo o ano. A decoberta desta grande extensão de água, entalada entre as margens como um lençol perfeitamente esticado,



devolveu-lhe a segurança. O Sol já se ia inclinando em direção do horizonte por detrás das nuvens, sem lhe ofuscar a vista. Não conseguia avistar a margem oposta perdida na névoa e esbatida pelo calor abafadiço. A ilha mal emergia, feita uma mancha sombria bem no meio do lago, desmaiando na contra-luz. Um homem de idade, de cabelos pretos e pele acobreada, aproximou-se dela, dirigindo-se-lhe num francês fluente :

— Boa tarde, minha senhora. Bemvinda em Tuon Slap.

— Boa tarde... Obrigada, senhor.

Não se atreve a perguntar-lhe o nome, com medo de ser incapaz de pronunciá-lo corretamente.

— Pode chamar-me Ritty. Vou transportar as suas malas na minha carroça até à margem.

— Obrigada, Ritty. Que calor nesta sua terra!

— Há-de acostumar-se, minha senhora. A gente habitua-se a tudo.

— Poderá acostumar-se então ao meu nome? Chamou-me Florence.

— Pois claro, Florence. Já está feito.

E o homem soltou uma risadinha seca e estridente.

Com as suas duas malas, Florence instalou-se numa barcaça de fundo chato, entre uma multidão de trabalhadores que, sorridentes, meneavam as cabeças. O velho Ritty explicou-lhe :

— São os homens do turno de noite. Todos são muito amáveis, verá.

Os trabalhadores continuavam a menear as cabeças, percebendo que ela vinha para os ajudar, e o aspeto cansado deles parecia esvaecer-se após um dia muito quente. O motor da embarcação arrancou, a escarrar e a sibilar. Inútil permanecer agarrada à amurada, pois a ausência de vento tornava a travessia confortável.

Depois de desembarcada na ilha, Florence segue o velho Ritty rumo ao prédio principal, onde se encontra a administração do centro. O acolhimento é caloroso mas breve. A urgência sente-se por toda a parte. O pessoal autóctono do quadro fala um pouco francês, mas não é altura para se extasiar-se sobre esta proeza. Concedem-lhe apenas trinta minutos para colocar as malas no quarto dela, situado no primeiro andar, e para escolher a roupa adaptada ao clima. Em seguida começa a visita as instalações, que ela própria já tinha identificado na internet. Só o edifício principal possui um sobrado, os restantes prédios espalham-se pela floresta, a qual não figurava na planta : o refeitório,



as diversas oficinas, enfermarias especializadas em traumatismos de toda espécie, que estão a desempenhar as funções hospitalares.

A Ilha das Palmeiras, sem interesse estratégico algum, ficara poupada pela guerra civil, que se prolongara por vários anos, e pela ditadura sanguinária que lhe sucedera. Encheu-se de feridos dos dois campos. O paludismo, a febre tifóide, os membros arrancados pelas minas não permitiam distinguir-se os beligerantes. A ilha transformada num vasto hospital de campanha recebeu em prioridade a ajuda exterior. O trabalho da organização é gigantesco e Florence sente-se digna de dedicar-se a essa tarefa por um ano, depois do conforto dos estudos levados a cabo na sua querida cidade de Lyon. Começa a esquecer os poucos estudantes com os quais, durante uma semana ou duas, partilhara o mesmo quarto. As caras, os nomes deles parecem-lhe distantes, remetidos ao outro lado da Terra.

No decorrer da reunião do fim da tarde, fica informada que irá revesar Jean, um francês delegado por uma ONG, apresentado como um especialista em logística. O mesmo Jean explica-lhe que conseguiu organizar uma rede de relações em todo o país, para facilitar o abastecimento do centro em géneros alimentícios e medicamentos. Florence percebe-lhe a fala, mas quase não o escuta de tão ocupada em admirar a sua cabeça de anjo, que parece ter saído de uma pintura do Renascimento italiano : rosto bochechudo, olhos azuis, cabelo loiro, com madeixas onduladas, boca gulosa e lábios carnudos. Ele continua, imperturbável :

- Vou partir daqui a um mês ou dois, ainda não sei quando me vão-de chamar de novo. Terei tempo para lhe apresentar os nossos fornecedores.
- Muito obrigada. Vamos falar novamente de tudo isso amanhã, por favor. Pois, mal cheguei a acompanhar as suas explicações. O cansaço da viagem, a mudança de fusos horários, entende...

Na manhã seguinte, Florence encontra Teng, no armazém de medicamentos e aparelhagens ortopédicas. Ele é maqueiro, ajudante de enfermagem e até enfermeiro, e está a dar provas duma dedicação que parece não ter limites.



- Sou natural deste país, que consegui deixar a tempo, antes de que fosse tarde de mais. Os meus pais e as minhas irmãs morreram num bombardeio. Fico em dívida com o meu país e estou a saldá-la trabalhando neste centro.
- Acho-o corajoso. O seu país poderá orgulhar-se de si. E ainda por cima fala um francês corretíssimo, parece um professor.
- Não tenho nenhum mérito nisso. Estudei no Liceu francês da Capital durante sete anos. Aprendi a gostar da literatura francesa, e mais especialmente dos poetas do oitocentos: Baudelaire, Alfred de Vigny, de quem ainda sei muitos poemas de cor.

Ao almoço do meio dia, Florence senta em frente do belo semblante angelical e mais uma vez derrete-se toda enamorada. Não o engata, nem ele a corteja aliás, de tão incomodado, enquanto Florence não consegue desviar os olhos dele. Que pena que ele parta em breve, dentro de um mês ou dois, conforme disse. Florence tem pressa, e depois de decorrida uma semana depois da sua chegada, passa todos os serões em companhia dele, e ainda uma semana mais tarde são as noites que ambos passam juntos. Florence fica encanta com alguns gestos desajeitados dele, com a sua evidente falta de perícia. Tenta explicar a Jean que não é apenas a sua posição de missionado que conta. Ao dar-lhe a perceber que ela gostava tanto de cavalgá-lo, Jean tapa-lhe delicadamente a boca com a mão, como se quisesse dizer ser impensável ou impossível fazer doutra maneira. Assim Florence sente um prazer redobrado com essa privação : o querubim leva-a diretamente ao Paraíso.

Os dias parecem curtos de tanto ser solicitada e de tanto querer aprender para se tornar autónoma. O Teng maqueiro dá-lhe numerosos conselhos avisados. O homem desdobra-se em todas as frentes, pronto a reconfortar as vítimas da deportação, que tudo haviam perdido, a aliviar o sofrimento dos amputados e a aplicar pensos nas chagas que teimam em não cicatrizar-se. Muito concentrado no seu trabalho, Teng concede a si próprio um tempo de descanso na hora do intenso calor húmido. Florence gosta de ouvi-lo utilizar expressões rebuscadas, encontradas nos escritores que Teng estudara no liceu. Às vezes Teng recita a Florence os poemas que lhe voltam à memória, decorando-os com uma voz pausada, calma, depois da tempestade que se tinha abatido sobre a população da sua terra.



Sem se fazer rogada, Florence confessa ser madrugadora e aproveita as horas matinais para se dirigir à margem do lago. Sozinha, contempla as palmeiras açucareiras, no recôncavo oposto àquele onde costuma sentar-se. O cenário torna-se-lhe familiar : elegantes cilindros encimados por uma coroa de palmas. Gosta de olhar para a sua imagem invertida nas águas calmas do lago, de reconhecer os pormenores próprios de cada árvore. Sente-se intrigada por esta dupla visão duma realidade reproduzida exatamente no reflexo da mesma. Se a superfície do espelho aquático se tornasse encurvada, como um cilindro ou como uma esfera, pergunta-se o que seria da imagem daquele renque majestoso das palmeiras. Seriam irreconhecíveis, ao ponto de se parecerem com embondeiros, cujo cimo estivesse invadido por musaranhos gigantes? Ou pior ainda por criaturas extra-terrestres portadoras de morte? E a mesma imagem terrificante, no sentido contrário, devolver-lhe-ia os troncos familiares! O jogo de espelhos sempre a fascinaram. Ainda em criança, na casa de banho dos seus pais, gostava de ver o seu próprio rosto duplicado ao infinito nos três espelhos móveis do armário para produtos de higiene.

É depois dum desses entremeses sonhadores, cedo de manhã, que Jean lhe anuncia a sua partida para a França no fim daquele mesmo dia. Ela já estava preparada, mas não esperava pela atitude tão inibida do seu amante, que parecia ser apanhado em falta por anunciar-lha de maneira tão abrupta, porém inelutável. Florence não chora nem se abraça a ele, garante-lhe que aguentará a sua ausência : há tanto trabalho devida à afluência dos camponeses feridos e das crianças traumatizadas. Jean explica-lhe que não terá tempo para sofrer da separação, porque estará ocupado pelo novo rumo que tenciona dar a sua vida, mas do qual nunca até agora lhe tem falado. Ambos concordam que não terão tempo para se escreverem. O parêntesis do seu relacionamento amoroso, que se abriu nesta Ilha das Palmeiras, vai encerra-se aqui. Espaço fechado para o início e o desenlace de uma história. Apenas fica a história em si, bela entre todas as histórias de amor.

Já bastante tarde, depois do anoitecer, olho para mim no espelho, tentando em vão reconhecer a jovem que deveria ser eu duplicada, aquela que vi agir e de quem apontei os feitos e gestos no meu diário. Só vejo o rosto lívido, inchado pelas lágrimas,



enxugadas com o cabelo, a ocultar-me os seios, que não sentem mais nada. A minha visão turva-se, como se eu mergulhasse numa piscina de água fria. Estou a tiritar, enquanto a minha imagem desaparece levada por uma onda ininterrupta e salgada. Espero que o fluxo se estanque para me atirar debaixo dum lençol, afogando-me num sono vazio de sonhos, que me leve até o raiar do dia.

Mal acorda, Florence levanta o mosquiteiro e salta da rede a fim de evitar a insónia inquiridora. Dirige-se à baía, que muitas vezes a consolara das suas pequenas tristezas. Agora vai experimentar com outra maior. O ar já está prenhe de humidade e de calor. Florence queria caminhar lestando, mas está a transpirar como nunca antes. Gotinhas, hesitantes na escolha do melhor caminho a tomar para engrossarem, escorregam-lhe pelas faces, pelos braços e pelas pernas. Os animais parecem esmagados por um torpor contagiante sob o efeito do seu próprio suor. As vaquinhas brancas, com uma mimosa corcunda no dorso, não manifestam nenhuma pressa para alcançar as pastagens aparecidas após a safra do arroz. Até os porcos pretos se espojam com menos convicção, chafurdando nos fossos cheios de lama. Os lagartos, do tamanho dum braço, as aranhas largas como a mão, também estão cobertos de gotinhas cintilantes. Os vegetais deixam pendentes as suas folhas, esmagadas por um peso inacostumado. Florence dá mostras da impacência para chegar quanto antes à margem do lago, mas só a pensar em estugar o passo sente o calor mais sufocante e a humidade mais penetrante. Os seus membros encontram-se certamente mais entorpecidos do que as patas de um cavalo peiado, e obedecem frouxamente às raras ordens emitidas pelo cérebro.

Por fim, chegada ao seu refúgio, Florence prepara-se para sentar na sua cepa preferida, mais não consegue decidir-se. Suspeita que umas modificações se tenham produzido durante a noite fora do seu ser. O fundo do céu parece escurecido. As risadinhas zombeteiras, moduladas na baixa tonalidade, dos papagaios, ainda rivalizam com a tagarelice mais esganiçada em oitava superior das periquitas. As palmeiras erguem-se, imponentes, em formatura de parada. No entanto, o reflexo dos troncos está invisível na superfície da água, burilada por sobressaltos de salpicos. O lençol, tão bem esticadinho na altura da sua chegada, agora parece estremecer com pequenos soluços apenas audíveis. Fragmentos de imagens formam-se e logo desaparecem, para reaparecer em outra parte. A confusão dos pensamentos sucede a confusão das suas sensações visuais.



E então Florence dá-se conta da chuva fininha a cair, que teimosa, se deposita sobre tudo e todos, sem se esquecer de ninguém, nem dos homens, nem dos bichos, nem das plantas. A dupla visão das árvores oferecia um cenário apaziguador aos devaneios dela e agora, vendo-a perdida, Florence sente-se desamparada.

A voz clara de Ritty tira-me do entorpecimento :

- Bom dia, Florence. Estou a ver que hoje madrugou.
- Bom dia, Ritty. Você bem sabe por que razão, mas deixe-se de perguntas. Agradeço-lhe a discreção.
- Antes agradeça ao Céu, que nos envia este ano a monção um pouco antecipada em meados de maio.
- Ai é, já me esquecia dela! Julgava que chegava de chofre em todo o país. Quer me parecer que esta chuvinha tão fininha não pode transformar a paisagem.
- Pelo contrário, é de bom augúrio quando cai de mansinho, sem nada estragar, e consegue saciar todas as sedes.

Daqui em diante, Florence adota o vestuário das mulheres, idêntico ao dos homens : calças pretas abaixo do joelho, camiseiro preto, chapéu puntiagudo de palha de arroz. Torna-se uma monja laica, absorvida pelas tarefas quotidianas numa tal exaltação que inibe qualquer jovem colega para a menor tentativa de sedução.

Lembro-me das cartas escritas por uma longuínqua parente, missionária na África Equatorial Francesa. A minha mãe falava desta sua tia bisavó com um profundo respeito, mas nunca nos mostrava o correio dela. No decorrer dum interminável verão, na casa da família, eu tinha empreendido uma busca metódica no sótão. Um armário de uma madeira escura, que lhe dava um aspeto agressivo, tinha-me devolvido as ditas cartas, encerradas numa caixa, de permio com almofadinhas, debuxos e carretéis de rendeiras. A minha antepassada descrevia as suas condições de vida penosas, bem como os cuidados que ia dispensando, com muita modéstia. Como se se tratasse de algo natural a condizer com o lugar que lhe tivesse sido destinado, ou antes reservado.

Pode-se dizer que Florence é uma moira de trabalho, à semelhança de Teng. O bom do Ritty, tornando-se no seu confidente, disse-lhe que ela não tinha culpa de nada e que



não devia embrutecer-se no trabalho. Florence não chega a perceber o que Ritty lhe quer dizer, mas este não pretende dar-lhe mais explicações. Na verdade, o comportamento de Teng enche-a de admiração tanto quanto de perplexidade. É capaz de dar mostra duma grande compaixão por uma anciã de faces sulcadas pelas lágrimas, desde que soube das torturas a que tinham sido submetidos o marido e seus dois filhos, num centro especializado mantido secreto. Teng também se aplica carinhosamente em alimentar à colheirada um homem cujos braços terminam em cotos mal cicatrizados. Nas condições rudimentares do hospital, é impensável praticar a pertinácia de tratamentos terapêuticos, como em certos países europeus. Teng a substitui pela tenacidade caritativa e Florence sente-se perturbada ao vê-lo andar naquele vaivém incessante, sobretudo quando o ouve resmonear palavras incompreensíveis. Um dia, ao ajudá-lo a assentar um penso numa chaga ruim, Teng começa a falar baxinho :

— Infelizmente é a Morte que consola e que faz viver. É a finalidade da vida, é a única esperança...

— Teng, cale-se por favor, é horrível você falar assim.

— A coitada da mulher não percebe, pensa tratar-se duma oração.

— É macabro de mais para cá. Quem é que terá escrito isso?

— Baudelaire n' *As Flores do Mal*.

— É impossível...

— Florence, você andou no liceu em França?

Ela só consegue responder por um débil «sim», antes de ir refugiar-se no seu escritório diante do computador.

A monção húmida terminou para grande alívio de todos. Estamos a reencontrar as condições climatéricas próximas das que havia na altura da minha chegada. No fim do ano passado na Ilha, o Diretor do Centro lê-me o relatório elogioso que tinha redigido a meu respeito e conclui assim :

— A Senhora desincombiu-se da sua missão com dedicação e competência. Acho que nasceu para exercer esta profissão e desejo-lhe que seja bem sucedida na sua futura carreira.

— Muito obrigada. Sempre me hei-de lembrar deste ano como de uma experiência realmente insubstituível.





Um mês depois do meu regresso a Lyon, chega-me através da rádio a notícia da prisão dum dos verdugos da ditadura, que tinha actuado seviciando as populações alguns anos antes da minha estadia ali. O noticiário esclarece que o algoz se escondia sob uma falsa identidade num centro para refugiados. Participava na ajuda humanitária prestada numa ilha desde a queda do regime. Esforço-me por identificar entre as caras conhecidas na ilha esse odioso indivíduo. As fotografias não tardam em circular. Emudeço, estarecida, quando reconheço Teng, de cabelo cortado rente ao crânio, máscara difícil de definir.

Fico atordoada, desnorteada durante uma semana inteira, sem reacção. A minha mãe traz-me a comida para o meu quarto. Nessa altura, levanto-me da cama e tento mostrar-lhe uma cara sorridente. Dá-me um abraço, sem me fazer perguntas. A minha juventude vem no meu auxílio e acabo por recobrar as forças. Um dia, minha mãe entrega-me, muito satisfeita, uma carta com um convite para o batizado de um sobrinho, que nasceu quando eu me encontrava naquela ilha, que continua a minar-me a mente.

A cerimónia religiosa decorre na sé catedral de Belley, uma cidadezinha do departamento do Ain, ainda sede de um bispado. Chego bastante adiantada para assistir ao fim da missa cantada que precede o batismo. O cortejo desce pela coxia central da nave com a solenidade de circunstância. O bispo encabeça a procissão, precedido pelo clérigo oficiante a empugar um turíbulo, que faz oscilar com convicção para espalhar em volta abundantes vapores de incenso, parecidos com as fumaradas que se usam no teatro, mas com cheiro a mais. Atrás do prelado e do oficiante vislumbro os meninos de coro e alguns adultos de batina branca. Quando o préstito sai por fim da névoa que o envolvia, aparece na minha frente Jean, meu amante das palmeiras. Abro-me toda num grande sorriso, os olhos brilham-me sem que eu o dê por disso. O bispo que até agora tem estado a olhar-me com uma bondade de pastor encarando uma ovelha desgarrada, de repente se acabrunha, ao reconhecer na minha cara os traços de uma Eva, maravilhada e sedutora. Tenho a impressão de que o eclesiásto teria ganas de me remeter para o inferno, se ainda nos nossos dias se acreditasse naquele castigo.

Jean baixa os olhos, como se sentisse uma irresistível necessidade de rezar... após ter-me reconhecido sem a menor dúvida. Ao aproximar-se mim, cabisbaixo, cora até ficar



com as orelhas escarlates, quando passa por mim. Não consigo impedir-me de sussurrar-lhe ao ouvido : «Jean! » A coitada da orelha toma a cor viva da púrpura, à beira da apoplexia. Felizmente para ele, o cortejo sacerdotal prossegue o seu caminho até a sacristia... cuja porta se fecha com estrondo depois de sua passagem.

De repente aquele cheiro a incenso provoca-me o enjoo. Deve ter-me invadido os pulmões; sucessivamente o aspiro e expiro-o, sem conseguir livrar-me dele. No estômago, sinto os vapores a começarem a agitar-se como as moscas presas num boião : tentam escapulir-se, levando consigo o meu pequeno almoço. A penumbra apenas permite eu ver aparecer na parede do fundo uma grande tela de pintura a óleo, enegrecido por séculos de olhares piedosos postos nele. Uma senhora, ricamente vestida, destaca-se, imponente, rodeada de anjinhos bochechudos, balofos, engordados com as frangas episcopais. Corro em direcção do portão central, guarnecido com certo número de anteparos e outras tantas portas verdadeiras. Depois de ter tentado abrir os primeiros, tento a sorte junto das segundas, primeiro no sentido errado, enquanto o incenso está para subir-me pela garganta. Por fim, consigo sair no adro estugando o passo, para respirar o ar livre do exterior, batido pelo sol.

Um primo solícito abeira-se de mim :

— Como tu estás pálida, Florence! A tua missão humanitária não deve ter sido nenhuma brincadeira. E o clima desgastante não havia-de facilitar-te o trabalho. Todos nos orgulhamos de ti e admiramos a tua perseverança. Vais nos contar a tua vida na Ilha das Palmeiras?

— Pois não! Mas hoje aproveitarei o ensejo para rebatizá-la. Daqui em diante, para mim, ela será a Ilha das Anamorfoses.